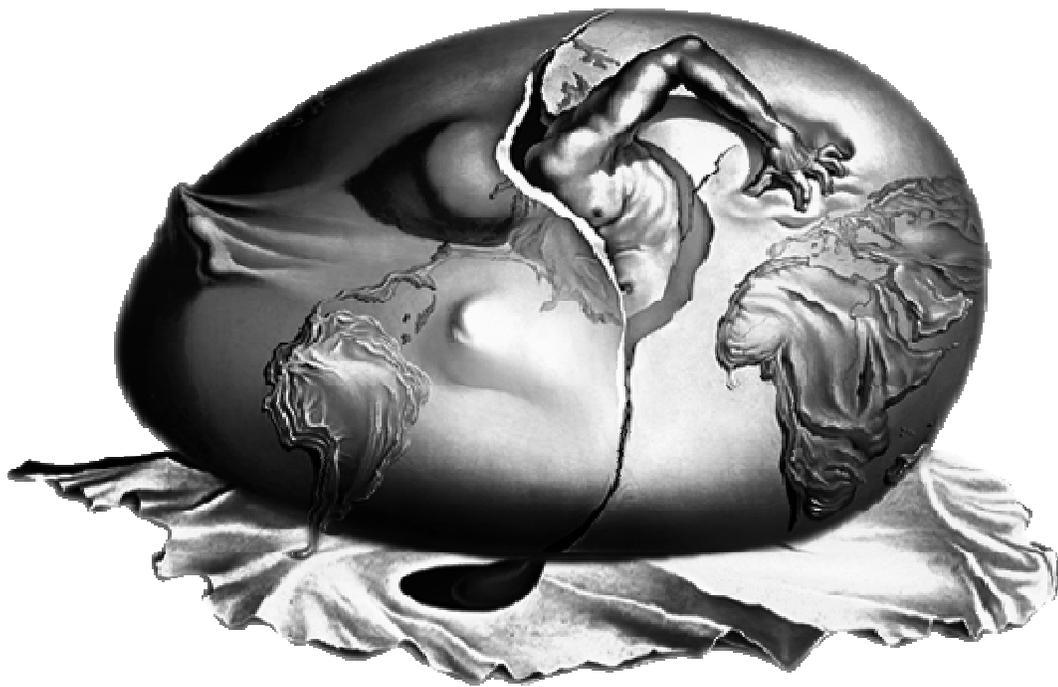


BOLETIM **PRESENÇA**

ANO II, nº 05, 1995



UNIR

MITO E LUGAR

JOSUÉ DA COSTA SILVA *

Resumo:

O trabalho sobre mito e espaço nasceu de trabalhos de pesquisa nas áreas de história e saúde dos quais participei na área ribeirinha, despertando em minha mente a vontade de trazer esse assunto para a Geografia. Porém, sempre que eu fazia esse comentário, soava a alguns ouvidos algo parecido a heresia. “O que a Geografia tem a ver com boto, cobra grande?” diziam-me alguns. Mas não era isso que eu queria, não era meu objetivo verificar como a Geografia tratava o boto. O que me interessava era a importância que os ribeirinhos davam a essas representações; era compreender a necessidade que tinham de contar suas histórias.

Palavras-Chave: Mito, Geografia e Compreensão

Abstract

The work on myth and space was born of research works in the history areas and health of the which I participated in the riverine area, waking up in my mind the will of bringing that subject for the Geography. However, whenever I made that comment, it sounded the some ears something similar the heresy. What does the Geography have to do with Hindu priest, does it collect big "? did they tell me some. But it was not that that I wanted, it was not my objective to verify as the Geography he/she treated the Hindu priest. The one that interested was me the importance that the riverine ones gave the those representations; it was to understand the need that you/they had to count your histories.

Words-Key: Myth, Geography and Understanding

O tema mito e espaço nasceu de trabalhos de pesquisa nas áreas de história e saúde dos quais participei na área ribeirinha, despertando em minha mente a vontade de trazer esse assunto para a Geografia. Porém, sempre que eu fazia esse comentário, soava a alguns ouvidos algo parecido a heresia. “O que a Geografia tem a ver com boto, cobra grande?” diziam-me alguns. Mas não era isso que eu queria, não era meu objetivo verificar como a Geografia tratava o boto. O que me interessava era a importância que os ribeirinhos davam a essas representações; era compreender a necessidade que tinham de contar suas histórias. Para mim estava claro que não se tratava apenas de conversa de caçador, pescador ou de mentirosos. Era algo mais, essas histórias eram na verdade relatos de vida (ou vidas), era uma visão de mundo que o preconceito de uma outra lógica não permitia ver. Quando pude compreender que havia uma lógica rica em conceitos, classificações e valores, as histórias míticas deixaram de ser apenas fantasiosas, todas tinham cenários e personagens, tinham espaço e tempo. Havia uma relação muito forte entre o lugar e o indivíduo. Todas aquelas abstrações não eram somente abstrações do espaço, mas de si mesmos. Então, foi só apurar os meus sentidos e verificar de que espaço estavam falando. Falavam que alí era o seu lugar e essa palavra era pronunciada com ênfase, havia incorporações de valores óbvias para eles. Fui então buscar compreender o que era esse “lugar” a que tanto se referiam. Mesmo assim, com essa primeira aproximação, os dados apresentavam-se ainda de forma inicial, embrionária.

Pensar a organização espacial de um grupo social como os ribeirinhos, é descobrir uma pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de determinada paisagem. Esses fatores são das mais diversas ordens, quer seja psicológica, moral, ecológica, econômica ou mítica.

O conjunto rico de informações, experiências, vidas irá modelar o imaginário social do grupo que terá a capacidade de congregar os valores, a interpretação, a estratégia de sobrevivência e a visão de mundo que possuem. O grupo social estará “equipado” para apresentar seu projeto de natureza, ao criá-la enquanto resultado da “praxis”. Esse “projeto de natureza” além de reunir dados classificatórios, traz também os mecanismos que propiciam a

preservação das espécies, visto que isto irá garantir a sobrevivência do grupo. As informações para a manutenção do funcionamento do “ciclo da natureza” serão colhidas da observação cotidiana, transmitidas e aperfeiçoadas ao longo das gerações. Esse homem ribeirinho irá pensar a natureza como uma aliada de sua rotina cotidiana.

Assim, a natureza passa a ser humanizada, desmistificada, ou seja, desnudada de seus mistérios e incorporada de novos significados. Passa a ocorrer, em alguns momentos, a sacralização da paisagem. A “mata” e o “rio” passam a ter um significado especial para esse grupo. É a “mata” e o “rio” desse grupo. Em outras palavras, tornam-se criações.

O espaço repleto de significados é uma criação do homem. Esse espaço terá sua forma configurada por um “homem-que-pensa” e sente, por um “homem produtor”, por um “homem habitante”. A compreensão dessa criação torna-se possível quando nos desprendemos dos aspectos aparentes dessa paisagem, quando vemos além das relações de trabalho.

Depois de estabelecidas as relações humanas e as tecnologias de sobrevivência e vida, o espaço, a natureza parecerão independentes da sociedade e de sua ação criadora. Parecerão anteriores. No entanto, natureza antes da “praxis” é pura metafísica. Aquilo que depois é natural, é um aspecto da própria “praxis”. Algo que despreza para ter existência própria. Esse algo podemos chamar de “espaço”, “ambiente”, “natureza”, “cosmo”.

O espaço que antes do homem era abstrato, obscuro e temeroso, caos e potência, passa a ser o corpo externo da sua existência social, um dos seus fundamentos; a mata conterà as marcas para sua locomoção; as árvores, rochedos, rios, serão pontos de referência; os igarapés e lagos terão significados relacionados às espécies de peixes; cada local de busca de alimento será classificado conforme o período de reprodução das espécies e outras classificações. As matas e as águas apresentarão seus deuses e protetores: é o Curupira, o Mapinguari, a Matinta Perêra, a Cobra Grande, o Boto, a Mãe d`água e muitos outros. Neste momento, o espaço rompe por completo com a indiferença, a insegurança, o temor. Já não é mais um espaço desconhecido. É algo mais. É a segurança, é o aconchego, onde seus mortos

estão sepultados. É um “lugar”. Quando perguntados, esses homens respondem sem hesitação: “aqui é o meu lugar”. Antes do lugar não existia natureza socializada.

A organização do espaço concretiza o modo de pensar do grupo, do conjunto de seus valores e sua visão de mundo. Esse espaço é a expressão viva do humano.

***Prof. Ms. IDep. Geografia/UNIR**

Pesquisador do Centro do Imaginário Social